

lavrando a terra

Pego a pá e revolvo a terra assentada em mim. Revolvo esta terra batida, socada, unida. Firmada por ensinamentos e esquecimentos.

Pego a pá e vou cavando, remexendo, trazendo à tona, arrancando raízes aos pedaços, mortas, desgrenhadas, soltando-lhes a terra grudada. Vou descobrindo tiras e tiras de minhocas antediluvianas, libertando gravetos imprestáveis, pedras, tocos inúteis e os tantos restos e ossos enterrados.

Pego a pá e vou abalando, lembrando, abrindo, sondando, perguntando, aprofundando, chegando.

Pego a pá e me finco,
me reviro,
me misturo,
me desprendo,
me mato, me cubro e me renovo
num broto verde, rijo,
parido de terra macia,
de mãos sujas
e unhas encardidas.

pausa

O trabalhador
deitado na fadiga
tira um sonho no canto do braço.
E o ruminante trator
recorda, masca,
engorda e pasta
à mancha móvel
de uma sombra.



A fotografia

A fotografia
reúne um grupo de amigos.
Momento de euforia reproduzido no papel.
Fração de tempo lembrada.
Pedaço de felicidade colado no álbum -
felicidade tanta
que hoje traz tristeza.

O fotógrafo ali estava
e também riu.
O fotógrafo era um dos seus grandes
amigos.
O fotógrafo hoje vive em paz.
No anonimato.



dura sed

Terno de concreto.
Camisa de mármore.
Gravata de ferro forjado.
Meias e cuecas de madeira.
Sapatos de cristal
pisando em ovos.
Nervos de aço inoxidável.

fruto proibido

Estás presente
e eu tão só.
Sinto o teu cheiro,
te vejo,
te ouço.
Pressinto o teu gosto.

Procuo encostar-me em ti,
mas não te alcanço.



experiência II

Ame as pessoas enquanto estão perto de você. Procure, veja, pegue, sinta, usufrua, plenamente.

Não fique aí imaginando como seria se as amasse. Todas estão lá imaginando como seria se o amassem.

O momento verdadeiro, o único, o válido, é o sumo da laranja espremida. A felicidade é o sabor do sumo provado. Bebido. Sentimento exprimido. Experiência vivida, constatada, sabida.

Ame as pessoas enquanto estão perto de você. E deixe e abandone e esqueça e sofra plenamente.

Amanhã, essas pessoas estarão longe dos seus sentidos. E você chegará à triste conclusão de que terá morrido um pouco, se não as tiver vivido.

cabra-cega

Roda roda roda
menino com venda nos olhos
roda roda roda
vai pegar quem te vendou
vai pegar quem te rodou
vai pegar quem faz pouco de ti
e que tanto ri
te vendo assim cego
braços abertos
correndo atrás dos amigos
de qualquer amigo
que te tire do escuro.



tudo tem limite

Não leio mais
do que a vista pede.
Não escrevo mais
do que a ideia quer.
Não gozo mais
do que o prazer me concede.

A ofensa não passa da garganta.
A febre não passa do termômetro.
A Alemanha não passa da Bélgica.

Mesmo a perfeição
- grau mais elevado –
não passa da nota dez.

navios

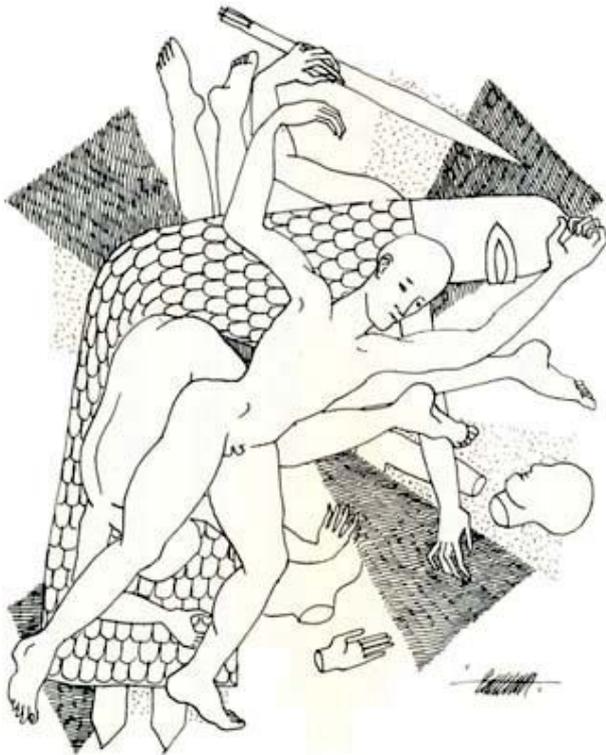
O navio preto de chaminés amarelas
deixa o cais. Vira o corpo. Devagar.
Faz espuma. Com cuidado.
Fluxos e refluxos. Movimento. O
navio de chaminés já vai pequeno.
Pro alto mar.
Feliz do que passa a vida a ver
navios, a afagar navios, a bater-lhes
no pescoço.
Os navios. A bondade e a serenidade
dos navios. O apito dos navios.



trens

Quer ficar. Mas tem de ir.
Dá um passo. Mais um passo.
Mais um passo no compasso.
Corre mais, mais, mais...
Um apito desinfeliz, desincontido. Trem desembestado.
Desencantado. Predestinado. Não sai do curso, não sai da trilha, não
sai da linha. Segue sempre. Perseverante. Ritmado. Automático.
Querendo chegar.

No fim do caminho, outra estação.
A obstinação dos trens. A tristeza dos trens.



autoviolência

Medo.

Contenção.

Inquietação imóvel.

Silêncio.

requerimento

Com a boca fechada,
preciso de pelo menos
uma narina para respirar.

Nessas condições,
Peço deferimento.

um dia é da caça

Com a ajuda da chave,
tranco sempre a porta
e vou embora.

Hoje,
com a ajuda do vento,
a porta bateu,
trancou a chave por dentro
e me deixou de fora.

investida

Tempos de angústias e paixões.

Tempos dos Quixotes
e das tristes figuras.

Tempos de causas perdidas
que se querem ganhas.

Tempos de mudanças bruscas.

Tempos de andanças. De grandes buscas.

Gritar é preciso. Desembestar.

Contra os moinhos de vento.



bom tempo

Uma guinada

na vida

na vidinha

Já é tempo

de sacudir os lençóis

de escancarar as portas e as janelas

A casa toda aberta

ensolarada

corrente de ar

E você

arrumando tudo o que é seu

pegando tudo o que é seu

e saindo mundo afora

com a roupa do corpo

de mãos abanando.

p.s.: confissão

Se mudo de assunto, sou ingênuo ou alienado. Tenho de dizer e versar sobre o que se diz e o que se versa. Como eu, há uns poucos milhões que também rabiscam inutilidades e que também são modestos diante de suas mediocridades constatadas, e que também querem se convencer de que não é bem assim e de que um dia serão ouvidos com atenção, e saberão dizer algo. Merda! E todos temos de dizer e versar sobre as mesmas coisas sempre. Milhões de loucos e pretensiosos que se repetem e se copiam e se reproduzem feito ratos. Pobres. Que sofrimento. Quanta vergonha. Quanta humilhação a cada trabalho pronto e apresentado. Cabeça baixa, coração batendo rápido, vinte dedos em cada mão, uma espera de milênios pela crítica construtiva. Pior e mais aviltante só a dúvida do valor próprio, que nos apanha de repente, quando menos esperamos, e nos inibe e estanca e empaca e enlata e embota e põe por terra. De cara no chão. Papel voando, caneta rolando longe. E nós de quatro, nos arrastando, tentando reavê-los. Pra começar tudo de novo. Dolorosamente. E ainda por cima ter de se dizer o que se quer que se diga, ah não, isso não. Nem a pau. Morro sem ser lido, morro virgem, morro rascunho, mas só digo o que me vem à cabeça. Sei que não deveria confessar, mas, francamente, estou farto de tanta facada, tanto tiro, tanto murro, tanto espancamento. Meu corpo está moído. Será que não bastam as surras que levo todo dia? Não há de ser nada. Ainda viverei para ver o aparecimento da literatura mercúrio cromo, da literatura algodão e água oxigenada, da literatura curativo. Por enquanto, sem ter quem me escute, vou soprando o meu machucado, que tanto arde e não tem cura.

